

Nominalização: o diálogo entre os níveis de análise lingüística

Letícia Marcondes Rezende

Recebido 30, jun.2008/ Aprovado 18, set. 2008

Resumo

Discutiremos, neste texto, as relações que representam o diálogo entre sintaxe e semântica, de um lado, e a enunciação, de outro. Mostramos essas relações com a análise de uma nominalização.

Palavras-chave: *Nominalização. Teoria das operações predicativas e enunciativas.*

Introdução

Publicamos em outros espaços (REZENDE, 2000, 2002, 2003a, 2003b, 2007) o resultado, sob vários ângulos, de um estudo feito com a nominalização em língua portuguesa. Discutimos, nessas publicações, a motivação que nos levou ao estudo dessa construção; a importância da nominalização na coesão textual; as presenças, na nominalização, de uma ambigüidade constitutiva entre valores nominais e verbais e de relações intersubjetivas reificadas; a necessidade do contexto encaixante e da asserção central de um enunciado para atribuir valores à nominalização; a presença ou não de asserção em um pré-construído que sustenta esse tipo de construção.

Discutiremos, neste texto, as relações predicativas e enunciativas ou relações estáveis e instáveis presentes em um enunciado com nominalização. Essas relações representam a interação entre a sintaxe e a semântica de um lado (relações mais estáveis) e a enunciação de outro (relação instável). No final do texto, apresentamos um exemplo de análise.

Relações estáveis e instáveis

Os estudos lingüísticos, ao organizar seus modelos para explicar o funcionamento das línguas, não conseguem sair das categorias prontas oferecidas pela tradição de estudos ocidentais. O lingüista A. Culioli, ao colocar, em sua Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas e no modelo de análise, a busca do processo de categorização e não as categorias, e, ao propor a articulação entre linguagem e línguas, oferece uma “teoria da gênese lingüística”. Levanta, também, a hipótese de que essa gênese possa ser encontrada em qualquer ponto espaço-temporal do desenvolvimento de uma língua (sincronia e diacronia) e também em qualquer ponto do aprendizado e domínio de uma língua (variação espaço-temporal ou como é mais conhecida, variação sociolingüística ou psicolingüística) e até mesmo no que é chamado de “língua terminal ou língua do adulto”. À medida que temos uma teoria que permite focalizar o que é dinâmico em uma língua, mesmo um adulto, com pleno domínio de uma língua, está sempre dialogando com o outro e adequando a sua experiência ao outro. Para realizar esse processo de adequação ao outro ou àquilo que está construído, é preciso lançar mão de um processo operatório de montagem e desmontagem de unidades, categorias e conseqüentemente de valores e significados. A lingüística culioliana tenta acessar a natureza desse processo de construção ou de montagem e desmontagem de valores e significados.

O estado inicial, primitivo, original de um modelo passa a ser extremamente importante. Ele pode permitir desordenadamente a existência de toda “uma população” de entidades

ou deverá ser colocado que existem processos de categorização, passagem obrigatória entre o mundo e a língua? Esse espaço precisa ser restritivo e definido. Toda a problemática da articulação linguagem e realidade (física e mental) depende das “categorias” que são postuladas nesse nível.

A teoria das operações predicativas e enunciativas postula a existência de um espaço teórico híbrido entre o “mundo” e a “língua”: a relação primitiva, as noções, o esquema de léxis,¹ possibilitando a existência de posteriores relações predicativas e de relações enunciativas na constituição de enunciados.

O modelo de Culioli coloca, nesse nível primitivo, uma forma (a estrutura da léxis) e um conteúdo (as noções). A indeterminação das noções e as posteriores operações de determinação (quantificação e qualificação) conquistadas pelo investimento ou trabalho que faz o “sujeito” ao fazer dialogar entre si unidades (léxico ou gramática) indeterminadas são fundamentais para tal reflexão. É a indeterminação das unidades lingüísticas e o trabalho do sujeito em relacioná-las, em fazê-las interagir, determiná-las que permitem o diálogo entre o mundo e língua, entre o sujeito e o objeto.

Desclés,² falando sobre a léxis diz: “A noção de léxis é comparável ao que se encontra, de modo mais ou menos explícito, em um certo número de teorias lingüísticas que dispõem de vários níveis descritivos”. Por exemplo, Ramat³ reivindica um tal nível formal de descrição para descrever certas invariantes tipológicas das línguas. A gramática funcional possui igualmente vários níveis de descrição: as léxis da teoria de Culioli são do mesmo nível descritivo que as “predicações” ou formas predicativas.⁴ A gramática relacional argumenta sobre a necessidade de se recorrer a vários níveis de descrição quando se procura analisar os fenômenos de diátese.⁵ A gramática aplicativa se organiza em dois níveis explícitos: o nível do genótipo e os níveis mais diretamente observáveis dos fenótipos lingüísticos.⁶ As léxis são inteiramente comparáveis às fórmulas da linguagem genótipo; essas fórmulas se realizam por expressões lingüísticas de uma língua fenótipo. A teoria dos operadores de Harris⁷ isola igualmente, na descrição de uma língua, uma espécie de sublinguagem predicativa abstrata, na qual cada expressão está na origem de uma família de enunciados que tem em comum uma mesma estrutura predicativa. Os enunciados da família são obtidos aplicando-se operadores transformacionais sobre a expressão da sublinguagem predicativa.

Culioli coloca entidades dinâmicas (as operações do sujeito), que serão responsáveis pelo processo de constituição de categorias gramaticais e das unidades lexicais. Trabalhar sobre um mundo construído e sobre o mundo em construção parecem ser a grande distinção entre as reflexões mais clássicas em lingüística e esta que defendemos.

¹ Traduzimos o termo *lexis* do francês para o português acentuando-o.

² Desclés (1995, p. 65) (T.N.).

³ Paolo Ramat (1985, p. 86-92 apud DESCLÉS, 1995, p. 65).

⁴ S. Dik (1980, p. 4 apud DESCLÉS, 1995, p. 65).

⁵ David Perlmutter e Carol Rosen (1984, p. 3-37 apud DESCLÉS, 1995, p. 66).

⁶ S.K. Shaumyan (1987 apud DESCLÉS, 1995, p. 66).

⁷ Z.Harris (1968, 1982 apud DESCLÉS, 1995, p. 66).

Como um modelo lingüístico é uma tentativa de explicar o funcionamento das línguas, as formas categoriais ou operações de categorização colocadas no início não só vão condicionar a leitura dos enunciados e dar forma a “problemas lingüísticos” a serem resolvidos, mas também vão fornecer material para a compreensão de como funcionam a nossa atividade simbólica, a nossa capacidade de representar o mundo. Colocando as categorias prontas, acabadas, a partir das quais o movimento se revela na busca de um jogo complicadíssimo de alteração de posições das unidades; negando o fundo movediço do qual a forma momentaneamente estabilizada é um resultado, não poderemos entender a sua história constitutiva. A representação será sempre apresentada em um binarismo do possível e do impossível. Para sair de tal binarismo, temos, sobretudo, as categorias do aspecto e da modalidade.

O caminho modal e aspectual é o sulco pelo qual conseguimos transformar uma representação impossível em possível e vice-versa. É tal caminho também que leva à estabilização ou desestabilização da representação. Ele não poderá jamais ser considerado como acessório, mas como constitutivo. O fato de não se colocar o problema com toda a complexidade não permitirá que se perceba que qualquer entidade do mundo, para existir na língua, passou pelo trabalho de elaboração de representação feito pelo sujeito, quer dizer, passou pelas telas da linguagem.

Essa discussão que estamos encaminhando nos conduz à procura de um nível indistinto e anterior à categorização nome e verbo, por um lado, e de um nível assertivo zero, por outro. A procura do nível de categorização indistinto e anterior à categorização nome e verbo nos conduz ao conceito de “noção”. A procura do nível assertivo zero nos conduz ao de “léxis”. “Noção” e “léxis” são dois conceitos fundamentais em Culioli. A lingüística de orientação mais positivista rotula essas duas entidades da reflexão de Culioli de “entidades invisíveis”. São também esses dois conceitos que respondem às insatisfações normalmente encontradas no estudo da nominalização. Pois uma léxis é uma tripla ordenada de noções, sem marcas assertivas. Trata-se do ponto zero de construção do enunciado.

Estudar uma construção gramatical, como a nominalização, é descobrir o seu valor, o seu papel ou função dentro de um enunciado. Esse valor é obtido por meio de uma variação de contexto lingüístico à esquerda e à direita (no sintagma e, portanto, no texto). Os contextos à esquerda e à direita são retomadas de predicções anteriores (pré-construído) e projeções de predicções (no paradigma e, portanto, no metatexto). A potencialidade da organização sintagmática e paradigmática já está presente na léxis e nas noções. A análise que fazemos é uma técnica distribucional de unidades enunciativas. Fazemos a unidade, a nominalização no nosso caso, dialogar com o con-

texto lingüístico à sua esquerda e à sua direita, e desse diálogo extraímos o seu valor.

Valores nominal, verbal e misto

Vários lingüistas tentam também explicar os dois valores (nominal e verbal) para uma mesma unidade lexical representada por uma nominalização. Assim chamam tais valores de: nominalização fixa e não-fixa; completa e incompleta; ideográfica e factográfica, etc. Preferimos manter em nossa análise “nominalização nominal” e “nominalização verbal”, apesar da redundância da primeira expressão.

A polarização desses dois valores tem muito pouca importância na reflexão teórica que fazemos, apoiada na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Culioli, pois essa teoria trabalha com “operações” e não com “classificações”, trabalha com processos de construção de categorias e não com categorias construídas. Culioli não oferece nem mesmo nome para essas duas distinções. Em razão do nível de abstração em que sua reflexão acontece, quando estudamos as nominalizações, chegamos (sempre por caminhos diversificados) a processos constitutivos comuns a qualquer problema de gramática.

Para a nossa reflexão não interessa, pois, a polarização, mas o processo de construção de valores. E, nesse caso, não temos apenas dois valores, mas um contínuo entre a “existência de uma representação estabilizada” (nome) e a “instabilidade na construção da existência de uma representação” (predicado). Temos um jogo de força entre “a existência da representação” e “a não-existência da representação”. Temos um equilíbrio entre essas forças contrárias (que reflete a própria interlocução) e ora valores quantitativos são preponderantes (no caso da estabilidade decorrente da existência da representação), ora valores qualitativos são preponderantes (no caso da instabilidade na construção da existência da representação).

A teoria culioliana está apoiada nos mecanismos de determinação e indeterminação e nas operações quantitativas e qualitativas que subjazem à questão do valor nominal ou do valor predicativo das nominalizações. Esses mecanismos e essas operações são de grande amplitude e não específicos à nominalização. A dificuldade dessa reflexão teórica consiste em: a partir de questões específicas e línguas específicas, chegar sempre a “processos generalizáveis” (língua).

Ordem lógica e psicológica ou operações predicativas e enunciativas

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas não possui uma ordem canônica para os enunciados a partir da qual possa existir alteração. Conceitos teóricos presentes nos estudos

gramaticais, tais como: sujeito psicológico, os pares tema e rema; tópico e comentário ou, ainda, os fenômenos chamados pela lingüística moderna de topicalização, focalização ou tematização (dependendo da vertente teórica) vão para o âmago dessa teoria. A reflexão de Culioli não faz menção a esses termos, que só existem na tradição gramatical em função da oposição ao sujeito lógico, à ordem normal das categorias, etc. Essas oposições entre o lógico, o estável, o normalizado, o regular, o canônico e o psicológico, o instável, o não-normalizado, o irregular deixam de existir, pois se trata de uma reflexão que teoriza exatamente o movimento entre o estável e o instável e vice-versa. Em outras palavras, trata-se de uma reflexão que teoriza (tenta explicar) o movimento entre as relações predicativas ou lógicas e as relações enunciativas ou psicológicas. Apoiada nos conceitos de regulação ou equilíbrio, a reflexão de Culioli faz esses dois níveis, o psicológico (instável) e o social (estável), dialogarem. Desse modo, a relação predicativa ou lógica é mais estável, compartilhada e a enunciativa ou psicológica instável e individual. Aquilo que é lógico é, pois, construído. As relações lógicas são o ponto de partida e de chegada das relações psicológicas. O não-construído, o inato, seria um mecanismo formal muito abstrato que sustenta e que permite a variação espaço-temporal. Desde os gregos, sobretudo os estóicos, há uma tentativa em harmonizar a tensão entre a abordagem predicativa ou lógica e a abordagem casual ou cênica. Essa tensão não pode ser eliminada, precisa permanecer.⁸ Se se trata de estudos de estruturas ou sistemas, a abordagem lógica ou predicativa é suficiente, mas se se trata de modelizar a gênese, ou a natureza de um processo dinâmico subjacente à expressão lingüística, a abordagem lógica já não basta. Por outro lado, as gramáticas casuais que propõem axiomas com uma evidência fenomenológica mais primitiva não dão conta da predicação. Em síntese: gramática casual ou cênica explica aquilo que falta (o complementar) às análises lógicas da lingüística e da tradição gramatical, que, por sua vez, enfocam mais a relação predicativa, e, em conseqüência, a preferência dessas abordagens pelas frases equativas, ou frases que possuam o aparato aspecto-modal estabilizado. Em nosso trabalho mostramos o diálogo entre esses dois módulos: o predicativo e o enunciativo. Em conseqüência, a importância que atribuímos às categorias da modalidade e do aspecto. As frases equativas são, para nós, um ponto de chegada (e de partida) das relações psicológicas, quer dizer, tais frases descrevem uma estabilidade conquistada, ou, ainda, descrevem uma instabilidade estabilizada. Os dois níveis, o predicativo ou lógico e o enunciativo ou psicológico constituem o contínuo de um mesmo processo.

Como o nosso trabalho estuda o contínuo de um processo dinâmico que vai do lógico ao psicológico e vice-versa, trabalhamos, em nossas análises, com montagem e desmontagem dos

⁸ Petitot, J. (1983, p. 453).

valores, quer dizer, estabilizamos o instável ou construímos o desconstruído, e desestabilizamos o estável, quer dizer, desconstruímos o construído. Ainda, em outras palavras: levando em consideração uma língua dada, uma cultura dada (o produto), tentamos alcançar a linguagem (o processo).

Três níveis de análise do enunciado

“Relação Primitiva” é uma relação semântica entre três termos: um relator (r), um termo-origem (x), geralmente animado ou com propriedades agentivas, outro termo-objetivo (y), geralmente inanimado ou com propriedades não-agentivas. Essa relação semântica também pode ser chamada de relação primitiva. Quando instanciamos a relação primitiva por noções, que possuem propriedades físico-culturais, construímos uma léxis. A léxis possui: um potencial de orientação a partir do qual os termos da relação primitiva podem ser orientados; a propriedade transitiva a partir da qual uma relação entre x e r e uma relação entre r e y permitem estabelecer uma relação entre x e y .

“Relação Predicativa” é uma relação lógica ou sintática que se constitui quando aplicamos à léxis (que contém a propriedade transitiva) a operação de predicação. Nesse nível, orientamos a relação primitiva, ordenamos os seus termos e iniciamos a construção de uma representação que possa vir a corresponder ou à noção-origem ou à noção-objetivo, ou, ainda, que poderá estar oscilando entre os dois pólos (origem e objetivo), com preponderância ora para um lado, ora para o outro. O sintagma nominalizado, enquanto fragmento, organiza-se no nível da relação predicativa. O seu valor não é claro, porque não se tem de modo claro também a asserção. A asserção permite que passemos para o outro nível, o da relação enunciativa.

“Relação Enunciativa” é o nível da relação enunciativa, em que se constrói o enunciado. A relação predicativa do nível anterior é assumida por um sujeito enunciador por meio de uma modalidade assertiva. A asserção central permite dar à relação predicativa o seu estatuto de enunciado. Nesse momento, em que se organiza o todo (o enunciado), as partes se hierarquizam e recebem o seu valor ou significado. Chamamos também, em nossa pesquisa, a relação enunciativa de contexto encaixante.

A nominalização, sendo a retomada de uma ocorrência de predicado do pré-construído, é de natureza altamente predicativa. Ao contexto encaixante cabe a função de dar estatuto de nome à nominalização (estabilizá-la) ou não. Nesse último caso (instabilidade), ela continuará com o seu valor predicativo.

Como a nominalização é uma relação predicativa não assertada, o seu valor fica na dependência do contexto encaixante que contém a asserção central. Desse modo, a nominalização, como fragmento que é, oscila em seus valores mistos, quer

dizer, oscila em seus valores verbais e nominais simultâneos. O contexto encaixante, com marcas aspectuais e modais, tenta equilibrar esses valores em um jogo de preponderâncias ora para o nome, ora para o predicado. Fazendo esse equilíbrio, o contexto encaixante acaba, ao mesmo tempo e retrospectivamente, atribuindo valores ao pré-construído. É também o contexto encaixante que valida ou não as marcas de memória enunciativa antecipada (projeção), presentes no sintagma com nominalização (por exemplo, os sufixos da nominalização), mas também os artigos, que acompanham uma nominalização como “a prisão de Pedro”. É o procedimento de retomada do pré-construído que passa a intuição de coisas existentes. Daí o uso freqüente dessa construção em discursos políticos que precisam dar existência a coisas não-existentes.

Precisamos para os nossos objetivos responder à questão: as noções possuem vocação para preencherem os espaços argumentativos (dos actantes) ou os espaços predicativos (dos processos)? Responderíamos que do ponto de vista da análise de uma língua dada, de uma cultura dada, o hábito, o condicionamento e a história criam necessidades lógicas em que a resposta para essa questão é positiva: há a vocação. A vocação para ser nome ou predicado pode ser descrita do seguinte modo: a função cria a posição (sintaxe); a posição atribui propriedades do contexto sintagmático ao termo; o termo assim criado ganha uma vestimenta específica (a sua morfologia), e é, portanto, condicionado; o termo condicionado, por sua vez, condiciona novas criações e, de certo modo, em retorno, acaba condicionando a função. Por outro lado, há um complemento do raciocínio que é fundamental para quem se propõe a analisar os fenômenos lingüísticos sob uma ótica dinâmica ou sob uma ótica que articula linguagem e línguas. Esse complemento do raciocínio corresponde a uma resposta negativa à questão acima formulada: não há a vocação. Nesse caso, a linguagem é cega para essa distinção (nome e verbo) bem como para outras distinções, classificações, categorizações, pois ela é o próprio processo de categorização. Essa visão inocente, esse ponto origem ou ponto zero das categorias é importante para quem quer trabalhar com o conceito de linguagem enquanto forma estruturante. Em muitos casos, a força da função, que é de natureza cognitiva, e a força da posição, que é de natureza cultural, coincidem em razão mesmo dos condicionamentos, mas nem por isso devemos minimizar ou ignorar a força da função nos casos em que as duas forças coincidem.

As análises lingüísticas são normalmente feitas considerando-se uma língua e suas unidades construídas e estáticas. Léxico e gramática não se articulam e, desse modo, não há um processo operatório para a geração de valores e significados para uma mesma unidade. É somente por essa razão que se pode falar

em vocação dos termos para serem nomes ou para serem verbos e que a distinção pode, então, ser estabelecida.

O que temos em um enunciado, visto de um ponto de vista dinâmico, são dois espaços contraditórios, para cada um dos quais temos sujeitos, forma e conteúdo. A construção da representação em um enunciado resulta de um diálogo entre esses dois espaços em conflito: um mais instável (enunciativo) e outro mais estabilizado (predicativo).

Análise em detalhe da ocorrência de uma nominalização dentro de um enunciado

Há 15 anos o Brasil teve de desenvolver, em regime de urgência, *um sistema* de criptografia quando descobriu que, com *os equipamentos* adquiridos do exterior, *as comunicações* com as embaixadas eram interceptadas.

A partir do enunciado acima que contém três ocorrências de nominalização /um sistema/ , /os equipamentos/ e /as comunicações/, analisaremos apenas a ocorrência de /um sistema/.

A nominalização /um sistema/ corresponde à noção cuja existência está neste enunciado sendo construída. Em consequência, as presenças da noção /desenvolver/ que é uma noção auto-agentiva e ligada à existência; do verbo “haver” e do artigo indefinido, que sempre acompanham uma predicação de existência.

O enunciado, nesse caso, põe em realce (forma) o “modo” como a existência de /um sistema/ está sendo colocada, mas ele não enfatiza se /um sistema/ foi desenvolvido ou não ou se /um sistema/ será desenvolvido ou não/. Essa última possibilidade é, para esse enunciado, “fundo”. Em outras palavras, não se enfatiza, nesse enunciado, com a nominalização /um sistema/, nem o estado resultante, nem o possível estado resultante, mas o “modo” como o estado resultante ou a existência estão sendo conduzidos.

No pré-construído ou classe de ocorrências imaginárias (eventos lingüísticos), quer dizer, no plano da léxis + as modalidades assertivas, temos quantificadores de tempo indistintos e marcadores de quantificação zero. Temos no pré-construído: vários Xs /em vários tempos e espaços (sit i, sit j, sit k...)/ que desenvolvem um sistema /em durações de tempos diversificadas mas indeterminadas/ como, por exemplo, quando dizemos: “um tanto de tempo”, “um certo tempo”.

A retomada, em um processo de varredura dos *sites*⁹ (sit i, sit j, sit k...), distingue um *site* específico dos outros, os compara e os avalia em relação a um ponto tido como o desejável, o esperado, o conforme a expectativa (o tipo). Na retomada temos, pois, como resultado do processo de varredura (feito pelo sujeito

⁹ “Sites” são construções de espaços imaginários nos quais podem ser ancoradas as ocorrências de operações enunciativas feitas pelos sujeitos enunciadores, em sua atividade epilingüística. Essa atividade é não consciente e simulada pelo lingüista em sua atividade metalingüística (consciente). Os sites contêm ocorrências, tais como sit i, sit j, sit k, ...etc. É a possibilidade, no modelo, de colocar esses níveis de análise que permitem o cálculo entre as fontes enunciativas e a atribuição de valores às construções gramaticais.

enunciador, percorrendo a classe imaginária de eventos lingüísticos, que constitui a sua experiência), as marcas de aspecto / em regime de urgência/ e de modalidade /teve de/. A marca de aspecto identifica e distingue uma ocorrência determinada de *sit* dos outros *sites*, determinando-a. Em outras palavras: /alguém desenvolveu um sistema de criptografia em um tempo x /→ pré-construído → , e /teve de desenvolver em um tempo x, que em comparação aos tempos y e z/ foi/ em regime de urgência/→ retomada .

A marca de modalidade /teve de desenvolver/ não enfatiza nem o estado resultante /um sistema de criptografia feito por alguém/ e nem um possível estado resultante /um sistema de criptografia que será feito por alguém/. A modalidade da certeza e do possível cede espaço para a modalidade deôntica.

A ausência no enunciado de ênfase no estado resultante ou existência, ou, no eventual estado resultante ou na eventual existência de /um sistema/ e, por outro lado, a ênfase que é dada ao “modo de existência” podem ser observadas na colocação seguinte.

O enunciado apresenta uma situação mista entre a existência e a não-existência, ou entre o caráter nominal e o caráter predicativo (verbal) da nominalização. Isso porque o processo / desenvolver um sistema/ compreende o período de tempo imediatamente anterior ao primeiro ponto do processo, incluindo os primeiros pontos. Temos um processo de existência iniciado /teve de fazer um sistema/ mas que não contém nem o último ponto, nem o estado resultante que ofereceria a existência acabada. Temos um enunciado que enfatiza o modo como se obtém a existência ou o estado resultante. Ou ainda: temos um enunciado que contém o modo como se percorre o período de tempo que antecede o primeiro ponto do desenvolvimento no tempo de um processo; como se entra no primeiro ponto; como se caminha do primeiro ponto até um ponto qualquer (não especificado) do processo, no entanto, diferente do último ponto, que não é mencionado, /teve de/ é uma modalidade intersubjetiva (deôntico) /alguém ser obrigado a/ mas é também uma marca assertiva, pois afirma /o início da existência de um processo/.

Por mais que forcemos a reflexividade entre S1 (que obrigou) e S2 (que teve de desenvolver), há processos de identificação e diferença que nos conduzem da localização à posse. Há uma assimetria entre S1 e S2 percebida em razão do desdobramento no tempo e no espaço resultante das marcas aspectual /em regime de urgência/ e modal /teve de/. A marca modal /teve de/ (deôntico) instaura uma relação intersubjetiva entre S1 e S2, e, enquanto marca assertiva, assinala também a existência de um processo. A marca aspectual, por seu lado, mostra que a duração do processo de /alguém desenvolver um sistema de criptografia/ foi além da expectativa, além do que era esperado que fosse,

além do normal. A relação intersubjetiva e o desencontro entre a “conformidade” e o “além de” oferecem um desdobramento de S1 e S2 no tempo e no espaço e reorientam o processo mais básico da localização à diferença e à não-reflexividade. S1 é quem obriga /S2 a desenvolver um sistema de criptografia/e é S2 quem faz. Temos: localização → diferenciação → pertencer à (posse) → não reflexividade entre S1 e S2.

Temos uma nominalização /um sistema/ mista entre o caráter nominal e verbal.

Não temos uma nominalização nominal porque < alguém desenvolver um sistema de criptografia > mais as marcas de aspecto /em regime de urgência/ e de modalidade /teve de/ não são um processo que nos conduza a um estado resultante que seria /um sistema de criptografia desenvolvido/. Esse fato nos conduz a dizer de que se trata de uma nominalização verbal, predicativa. No entanto, falta a esse processo também uma característica fundamental da nominalização verbal que descrevemos abaixo.

Não temos uma nominalização verbal, uma vez que a nominalização verbal é caracterizada, sobretudo, pela impossibilidade de se estabelecer pontos de referência no tempo e conseqüentemente no espaço, e o processo em questão < alguém desenvolver sistema de criptografia > mais a modalidade asertiva /teve de/ e a marca aspectual /em regime de urgência/ estabelecem pontos de referência no tempo e no espaço. A marca modal, por um lado, enfatiza o espaço de tempo imediatamente anterior ao início do processo, o início do processo e mais alguns pontos inclusos, embora trate como “fundo” o término do processo e o estado resultante. A marca de aspecto oferece o “modo do processo”, quer dizer, em que ritmo o processo se efetua ao percorrer os pontos de tempo postos em destaque pela marca modal. Aspecto e modalidade juntos oferecem a modulação de um enunciado.

Esperamos ter mostrado, com as informações teóricas e com a análise do exemplo, o diálogo entre o nível predicativo e o enunciativo na construção do valor de uma nominalização.

Abstract

In this text we discuss the relations which represent the dialogue between syntax and semantics on one hand, and enunciation on the other. We show these relations with a nominalization analysis.

Keywords: *Nominalization. Predicative and enunciative operations theory.*

Referências

- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999a. Tome 3.
- _____. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999b. Tome 2.
- _____. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. Tome 1.
- DESCLÉS, J. P. Schéma de Lexis. In: BOUSCAREN, J. ; FRANKEL, J. J.; ROBERT, S. (Org.). *Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique*. Mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995. p. 57-71.
- PETITOT, J. Hipótese localista e teoria das catástrofes. Nota sobre o debate. In: PIATTELLI-PALMARINI, M. (Org.). *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 448-456.
- REZENDE, L. M. A indeterminação da linguagem: léxico e gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 44, p. 349-362, 2000.
- _____. A indeterminação da linguagem e a instabilidade-estabilidade dos valores gramaticais. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 32, 2003a. 1 CD-ROM.
- _____. Causalidade, propriedade diferencial e construção de domínios nocionais. *Alfa*, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 21-39, 2003b.
- _____. *Léxico e gramática: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais*. 2000. Tese (Livre-docência)-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, 2000.
- _____. Língua e linguagem: um estudo sobre a nominalização. In: REZENDE, Letícia Marcondes; MASSINI-CAGLIARI, Gladis; BERTUCCI, Juliana Barbosa (Org.). *O que são língua e linguagem para os lingüistas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007. p. 143-167. (Trilhas Lingüísticas, v. 13)
- _____. Nominalização: operações predicativas e enunciativas. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 131-140, 2008. Disponível em: <<http://www.estudoslinguisticos.gel.org.br>>. Acesso em: 24 jul. 2008.
- _____. Nominalização e valores referenciais. *Estudos Lingüísticos*, Araraquara, n. 36, [2007]. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2007/sistema06/25.PDF>>. Acesso em: 15 out. 2007.
- _____. Operações da linguagem e algumas construções nominais. *Alfa*, São Paulo, v. 46, p. 111-127, 2002.